



n.2  
abr./jun.  
2018

# BOLETIM OPSA



# BOLETIM OPSA

ISSN 1809-8827

O Boletim OPSA reúne análises sobre acontecimentos de destaque na conjuntura política da América do Sul e tem periodicidade trimestral. A publicação é composta por editorial e textos dirigidos a leitores que querem ter acesso rápido a informações de qualidade sobre temas contemporâneos. As fontes utilizadas para sua confecção são resumos elaborados pelos pesquisadores do OPSA com base nos jornais de maior circulação em cada um dos países e documentos de autoria de pesquisadores ou agências independentes que complementam as informações divulgadas pela imprensa.

A publicação é vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ).

É permitida a reprodução deste boletim e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---

## Corpo Editorial

### Editora Executiva

Marianna Restum Antonio de Albuquerque

### Editor Adjunto

Murilo Gomes da Costa

### Conselho Editorial

Maria Regina Soares de Lima

Leticia Pinheiro

### Editoria de Redação

André Pimentel Ferreira Leão

Andrés Londoño Niño

Diogo Ives de Quadros

Fernanda Cristina Nanci Izidro Gonçalves

Leandro Wolpert dos Santos

Leonardo Albarello Weber

Marianna Restum Antonio de Albuquerque

Marília Closs

Murilo Gomes da Costa



## Observatório Político Sul-Americano

[opsa.com.br](http://opsa.com.br)

Instituto de Estudos Sociais e Políticos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rua da Matriz, 82 - Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ  
(21) 2266-8300

---

# Sumário

---

## EDITÓRIAL

**PARA ONDE VAI A AMÉRICA DO SUL?..... PÁGINA 04**

## ARTIGOS

**ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NA COLÔMBIA: MAIS UMA VITÓRIA À DIRETA NA AMÉRICA DO SUL?..... PÁGINA 06**

**AS ELEIÇÕES NO PARAGUAI E O REGRESSO DO PARTIDO COLORADO..... PÁGINA 13**

**ELEIÇÕES NA VENEZUELA..... PÁGINA 16**

# Editorial

## *Para onde vai a América do Sul?*

Não há boas políticas sem um forte debate de ideias<sup>1</sup>

Fazem exatamente 15 anos que iniciamos o OPSA ainda no antigo IUPERJ, hoje IESP. Aquela data coincidiu com o início de uma fase muito particular na política regional com a eleição de governantes de esquerda e de centro esquerda na Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Chile, Bolívia, Equador e Venezuela. Pela primeira vez em muitos anos, criaram-se as condições para o aprofundamento da cooperação sul-americana. Instituições como a UNASUL e o Conselho de Defesa Sul-Americano, para citar os exemplos mais expressivos, combinavam duas características que as tornavam peculiares em relação ao passado recente. Em primeiro lugar, a dimensão comercial não era a dominante e, em segundo, eram instituições exclusivamente sul-americanas que tinham o objetivo claro de propiciar a cooperação política dos países da região em temas inéditos, como na área militar e na concertação política em situação de crise regional. Como é sabido, estes eram temas tradicionalmente exclusivos das instâncias interamericanas, como a OEA e o TIAR. A ausência dos EUA e a articulação entre países com governos de coloração política distintas, vinculados a diferentes mecanismos de integração comercial, como a Colômbia e o Chile, por exemplo, claramente indicavam uma mudança, depois de quase uma década de hegemonia neoliberal na região, e apontavam para uma relativa autonomia da América do Sul em relação ao centro hemisférico.

Antes que fosse possível formular um sólido argumento das razões que tornaram possível tal movimento, a cooperação regional começou a fazer água. Os primeiros sinais vieram com a eleição de Macri, na Argentina, em 2015, pondo fim a hegemonia política do kirchnerismo, seguida do golpe parlamentar decretando o impedimento de Dilma Rousseff em 2016, e do retorno ao poder de Sebastián Piñera, no Chile, em 2017. Desde então, vivemos um retrocesso político na região em que

do ciclo progressista, iniciado na década de 2000, só restaram a Frente Ampla no Uruguai, um governo mais enfraquecido de Evo Morales na Bolívia e uma Venezuela em profunda crise política e econômica sob a presidência de Nicolás Maduro. Ao retrocesso político seguiu-se o enfraquecimento da cooperação regional, com a virtual paralisação da UNASUL e o aparecimento de novas arenas de concertação com signo político conservador como é o caso do Grupo de Lima, constituído em finais de 2017 com o explícito propósito de se opor ao governo Maduro. Com a participação de 11 países latino-americanos, mais o Canadá, esta iniciativa pretende ser um fórum político alternativo à UNASUL.

A sincronicidade de eventos em uma mesma direção política indica que estamos diante de forças sistêmicas, fruto do rearranjo geopolítico em curso cujo desfecho não está claro. Não sabemos para que tipo de ordem internacional caminhamos e só conseguimos enxergar o que sobe à superfície. Como por exemplo: a mudança do eixo de dinamismo econômico para a região da Ásia-Pacífico; a perda relativa de importância geoeconômica da América do Sul face ao dinamismo asiático; a crise humanitária em várias regiões gerando um elevado contingente de deslocados e refugiados; a erosão do multilateralismo e de um sistema de regras globais relativamente consensuais em várias questões; a contínua ascensão do poder econômico e militar da China; e a chegada ao poder de Trump nos EUA - e de sua errática e perigosa política externa. Neste quadro de grande incerteza e de transição geopolítica, o golpe midiático-parlamentar no Brasil é um dos indicadores mais significativos do retrocesso em curso e da fragilidade dos projetos nacionais não apenas no Brasil, mas do ciclo progressista na região iniciado nos anos 2000.

As eleições presidenciais recentes na Colômbia e no Paraguai confirmam a tendência restauradora da onda conservadora em curso. A eleição de Iván Duque, na Colômbia, ameaça a continuidade do acordo de paz com as Farc, celebrado em 2016. Como é analisado no artigo de Fernanda Cristina Nanci, neste Boletim, apesar do ineditismo das eleições ocorridas em clima de paz nos meses de maio e junho deste ano, a eleição de Duque pode levar a Colômbia ao aprofundamento da polarização política no país e ao retrocesso político. A vitória do Partido Colorado nas eleições presidenciais do Paraguai, examinadas por Edgar Andrés Londoño Niño, restauraram a hegemonia daquele partido, no poder há

1 Marco Aurélio Garcia, "Uma Política Externa Ativa e Ativa", in Bruno Gaspar e Rose Spina, organizadores, A Opção Sul-Americana - Reflexões sobre Política Externa (2003-2016), São Paulo, Fundação Perseu Abramo e Instituto Futuro Marco Aurélio Garcia, 2018, p. 152.



quase 70 anos com uma pequena interrupção entre 2008 e 2013. Na Venezuela, segundo Leonardo Albarello Weber, as eleições presidenciais, quando foi reeleito Nicolás Maduro, foram marcadas pela ausência de um candidato da oposição tradicional. No plano regional, a reação às eleições partiu de um grupo de países latino-americanos, incluindo Brasil, articulado pelo Grupo de Lima, no esforço por isolar o novo governo num contexto de crise econômica e política e do recrudescimento da crise migratória naquele país.

O ponto fora da curva no fortalecimento dos governos de direita latino-americanos foi a eleição de López Obrador no México em 1o. de julho, com uma agenda reformista ampla, depois de vinte anos de governos alternados entre o PRI e o Partido Acción Nacional.<sup>2</sup>

Dependendo dos resultados das eleições presidenciais no Brasil, em outubro próximo, o cenário Sul-Americano e mesmo Latino-Americano podem sofrer uma inflexão importante. A vitória de forças progressistas nas duas principais economias latino-americanas pode atenuar a virada à direita que assistimos neste momento na região. Seria ingênuo e muito otimista pensar numa reversão do status quo regional, mas pelo menos estariam sendo criadas as condições para um movimento de resistência democrática e de oposição à subordinação às forças e atores internacionais hoje vivenciadas pelo Brasil.

Face a tantas incertezas não podemos projetar cenários políticos e econômicos nos próximos 15 anos na América do Sul. O que, sim, está ao nosso alcance, é continuar a produzir inteligência política sobre a região e contribuir para que o OPSA chegue aos 30!

Seguindo o conselho do nosso saudoso MAG, são as boas ideias que podem fazer as melhores políticas.

Julho de 2018

**Leticia Pinheiro**  
**Maria Regina Soares de Lima**

---

<sup>2</sup> Para a análise da eleição de López Obrador, implicações para a política mexicana e consequência para o Brasil, ver Carlos Milani, “Eleição de López Obrador, política externa mexicana e possíveis efeitos no Brasil”, IESP nas Eleições, publicado em 13/07/2018.



## Eleições presidenciais na Colômbia: mais uma vitória à direta na América do Sul

**Fernanda Nanci**  
Pesquisadora Opsa

### Introdução

Após o segundo turno realizado no dia 17 de junho, os colombianos escolheram o novo presidente da República: Iván Duque, do Partido Centro Democrático. Com um total de 10.362.080 votos (53,98%) o candidato foi eleito presidente, derrotando seu oponente, Gustavo Petro, da coalizão Colômbia Humana, que obteve 8.034.189 votos (41,81%)<sup>1</sup>.

As eleições presidenciais na Colômbia foram históricas em vários aspectos. Em primeiro lugar, foram as primeiras eleições em mais de 50 anos que ocorreram em clima de paz, após o acordo com as Forças Revolucionárias da Colômbia (Farc), em 2016. Ademais, foram marcadas por uma intensa polarização política entre esquerda e direita, que refletiram posições distintas sobre o acordo com a ex-guerrilha, mobilizando os eleitores a irem às urnas. Neste sentido, as eleições foram caracterizadas por cifras inéditas, que levaram os dois candidatos ao segundo turno, e por uma grande redução do índice de abstenção eleitoral, indicando um avanço importante no exercício da democracia no país. Também, pela primeira vez na Colômbia, uma mulher ascendeu ao cargo de vice-presidente, a ex-senadora e ex-ministra da Defesa e do Comércio Exterior Marta Lucía Ramírez.

Em um momento em que o acordo de paz com as Farc está em fase de implementação, embora sujeito a diversas críticas, devido às inúmeras dificuldades no plano prático, as eleições foram percebidas como determinantes para garantir ou modificar o acordo negociado pelo impopular presidente Juan Manuel Santos<sup>2</sup>, visto que o tema se converteu

em elemento central na vida política e, por conseguinte, na agenda dos candidatos.

Enquanto o ex-prefeito de Bogotá, representante da esquerda, Gustavo Petro, defendia a totalidade da implementação do acordo, o senador da direita, Iván Duque, era um grande crítico e garantia que embora não pretendesse modificar o que já foi executado, buscava realizar alterações no acordo negociado<sup>3</sup>. Contudo, apesar da postura com relação à implementação do acordo de paz com as Farc contrapusesse os candidatos, ambos representavam a busca dos eleitores por uma mudança de geração na política. Como indica o cientista político Juan Gabriel Tokatlian, nesta eleição ficou evidente que “os protagonistas dos anos 1990” saíram de cena e “entraram novas caras, como as de Duque e Petro”<sup>4</sup>.

Assim, enquanto Petro representava o eleitorado que se identifica com ideias progressistas e busca mudanças substanciais que promovam a construção de um novo cenário político e social na Colômbia, Duque, embora atado ao símbolo de uma política tradicional, expressava a vontade de renovação geracional e de mudança na velha forma de fazer política<sup>5</sup>. A escolha de mais de 19 milhões de colombianos tornou-se conhecida no segundo turno, no dia 17 de junho, e a direta saiu fortalecida em mais um país sul-americano.

Para entender como ocorreu a corrida presidencial na Colômbia, este artigo apresenta as características dos candidatos e os principais momentos que marcaram as eleições presidenciais no país no primeiro e, em seguida, no segundo turno. Ao final apresenta-se uma breve conclusão discutindo os principais desafios que Duque terá que enfrentar na política doméstica e exterior, salientando a relação do país com seus vizinhos sul-americanos.

1 Elecciones 2018: 17 de junio de 2018 Presidente y Vicepresidente. Resultados de Preconteo 2ª Vuelta. Disponível em: <<http://presidente2018.registradura.gov.co>>. Acesso em: 18/06/2018

2 Em janeiro de 2018, o índice de popularidade do presidente era de apenas 14%. Quando assumiu a presidência Santos possuía um índice de aprovação entre 74% e 80%, mas desde que as denúncias de corrupção em seu governo e dos imbróglios relacionados ao acordo de paz com as Farc impactaram sua gestão, o presidente vem perdendo apoio popular. Nestas eleições, não manifestou apoio a nenhum dos dois candidatos, que são seus opositores políticos. Approval rating of Colombia's Santos sinks to lowest point since election. Colombia Reports. 17/01/2018. Disponível em: <<https://colombiareports.com/approval-rating-colombias-santos-sinks>

<[lowest-point-since-election/](#)>. Acesso em: 20/06/2018.

3 Las posturas sobre paz que diferencian a Duque y Petro. 14/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/las-posturas-sobre-paz-que-diferencian-a-duque-y-petro-230078>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

4 No dia seguinte à eleição, candidatos acenam ao 3º colocado na Colômbia. Folha de S. Paulo. 24/05/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/05/no-dia-seguinte-a-eleicao-candidatos-acenam-ao-3o-colocado-na-colombia.shtml>>. Acesso em: 18/06/2018.

5 No dia seguinte à eleição, candidatos acenam ao 3º colocado na Colômbia. Folha de S. Paulo. 24/05/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/05/no-dia-seguinte-a-eleicao-candidatos-acenam-ao-3o-colocado-na-colombia.shtml>>. Acesso em: 18/06/2018.

## Primeiro turno: os candidatos e suas propostas

No dia 11 de março, os colombianos compareceram às urnas para as eleições legislativas do país. O partido Centro Democrático saiu fortalecido nestas eleições, pois além de ter conquistado o maior número de cadeiras no Congresso, seu principal líder, o ex-presidente Álvaro Uribe foi o senador mais votado em uma eleição já realizada na Colômbia. Outros partidos considerados de direita também saíram vitoriosos, como o Partido Conservador, o Partido Liberal e o Câmbio Radical. Já o partido formado por membros da ex-guerrilha Farc, chamado Força Alternativa Revolucionária do Comum, apresentou 23 candidatos e não obteve votação suficiente para a eleição. Porém, segundo o acordo de paz firmado com o governo, o partido tem representação assegurada no Senado e na Câmara dos Deputados, ocupando 5 cadeiras em cada<sup>6</sup>.

Os jornais colombianos destacaram à época que o resultado das eleições demonstrou que os partidos de direita, contrários ao acordo de paz com as Farc, saíram fortalecidos das eleições legislativas. De certo modo, as eleições legislativas já anunciavam a tendência dos eleitores colombianos, indicando uma possível vitória da direita nas eleições presidenciais e da chamada “Coalizão do Não”, que faz referência à posição contrária deste grupo ao acordo de paz com as Farc, firmado em 2016.

No mesmo dia das eleições legislativas, os colombianos também votaram em uma lista interpartidária, uma espécie de primária, em que escolheram os candidatos que concorreriam à presidência no dia 27 de maio. A consulta foi aberta a todos os eleitores, que poderiam escolher uma aliança de direita ou de esquerda. Os candidatos mais bem colocados nas primárias presidenciais foram Iván Duque, que venceu as primárias da direita, e Gustavo Petro, que foi confirmado como o principal candidato da esquerda pela coalizão Colômbia Humana<sup>7</sup>.

Assim, a partir de março, o cenário da disputa eleitoral para a presidência da República começava a se delinear no país. Os demais candidatos que se engajaram na corrida

presidencial no primeiro turno foram Sergio Farjado, pela Coalizão Colômbia, Germán Vargas Lleras, pelo partido Câmbio Radical e Partido da U (Unidade Nacional)<sup>8</sup>, Humberto de la Calle, pelo partido Liberal, Jorge Antonio Trujillo Sarmiento, pelo partido Todos Somos Colombia, Viviane Morales, pelo movimento Somos, e Piedad Córdoba, pelo movimento Poder Cidadão. Rodrigo Londoño (Timochenko), ex-líder das Farc, desistiu de sua candidatura à presidência por motivos de saúde antes do início do pleito presidencial.

Após o início oficial da campanha à presidência, em 12 de março, iniciaram-se as alianças políticas e a divulgação das propostas dos candidatos. No mês de abril, Piedad Córdoba, ex-senadora, renunciou à sua candidatura, alegando ter sofrido discriminação por ser mulher, por sua afrodescendência e por seus ideais políticos e sociais, tendo sido excluída de debates presidenciais, junto com a outra candidata, Viviane Morales. Córdoba, porém, anunciou que não sairia da política e continuaria se dedicando à implementação do acordo de paz no país, uma de suas principais bandeiras<sup>9</sup>. Em maio, foi a vez de Viviane Morales, ex-senadora e ex-procuradora geral da nação, renunciar à sua candidatura por razões econômicas e por indicar que existiam diferentes condições democráticas na corrida eleitoral. Assim como Córdoba, Morales criticou os meios de comunicação por não convidarem para integrar os debates presidenciais e disse que estava vivendo uma batalha injusta na corrida eleitoral<sup>10</sup>.

Apesar das alegadas discriminações sofridas pelas presidenciais durante a campanha eleitoral, um fato inédito que representa um avanço significativo em termos de representação feminina na política pôde ser observado no primeiro turno das eleições co-

6 Eleições legislativas na Colômbia. Conjuntura Latitude Sul, n. 3, 2018. Disponível em: <<http://latsul.org/wp-content/uploads/2018/04/Conjuntura-Latitude-Sul-N-03-Mar%C3%A7o-de-2018.pdf>>. Acesso em: 18/06/2018.

7 Eleições legislativas na Colômbia. Conjuntura Latitude Sul, n. 3, 2018. Disponível em: <<http://latsul.org/wp-content/uploads/2018/04/Conjuntura-Latitude-Sul-N-03-Mar%C3%A7o-de-2018.pdf>>. Acesso em: 18/06/2018.

8 Poucos dias após o início da campanha presidencial, Juan Carlos Pinzón, ex-ministro da Defesa de Juan Manuel Santos, deixou a disputa presidencial para aceitar ser vice-presidente na campanha de Germán Vargas Lleras.

9 Piedad Córdoba se retira de la carrera por la Presidencia. El Tiempo. 09/04/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/piedad-cordoba-se-retira-de-la-carrera-por-la-presidencia-202970>>. Acesso em: 18/06/2018. Piedad Córdoba retira su candidatura presidencial. El Colombiano. 09/04/2018. Disponível em: <<http://www.elcolombiano.com/elecciones-2018-colombia/piedad-cordoba-se-retira-de-la-campana-IA8516857>>. Acesso em: 18/06/2018.

10 Viviane Morales renuncia a su candidatura presidencial. El Tiempo. 02/05/2018. <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/viviane-morales-renuncia-a-candidatura-a-la-presidencia-212464>>. Acesso em: 18/06/2018.



lombianas: 4 candidatas à vice-presidência eram mulheres. Marta Lucía Ramírez formou chapa com Duque, Ángela María Robledo com Gustavo Petro, Claudia López com Sergio Fajardo e Clara López com Humberto de la Calle<sup>11</sup>.

Desde o início da campanha, os candidatos que representavam os extremos do espectro político ocuparam os primeiros lugares nas intenções de voto do eleitorado. As pesquisas de opinião indicavam que Duque e Petro protagonizariam o segundo turno<sup>12</sup>. O primeiro era o candidato mais jovem entre os concorrentes e tinha como seu principal apoiador e força política o senador e ex-presidente Álvaro Uribe. Tinha como uma de suas principais bandeiras a crítica ao processo de paz com as Farc, em especial a Jurisdição Especial para a Paz (JEP), salientando a necessidade de realizar modificações no acordo. Prometeu fortalecer a força pública para aumentar a segurança e apresentou posturas mais conservadoras no que tange ao aborto e ao casamento de pessoas do mesmo sexo. Já Petro, que no passado participou da guerrilha M-19, foi senador da República e um dos grandes opositores de Uribe durante sua presidência, e já havia se candidatado ao cargo de presidente em 2010. Prometeu cumprir o acordo com as Farc e apresentou uma posição progressista no que tange aos direitos da população LGBT<sup>13</sup>.

A imprensa colombiana destacou que diante da força dos candidatos e de pressões de setores políticos aliados, Fajardo – ex-governador de Antioquia e ex-prefeito de Medellín – e De la Calle – chefe negociador do atual governo

no acordo de paz com as Farc – que representavam o centro do espectro político, tentaram estabelecer uma aliança para concorrerem juntos no primeiro turno. Com efeito, os candidatos tinham posições próximas no que tange ao cumprimento do acordo pactuado com as Farc e em outras questões políticas e temas sociais. Contudo, como os prazos para modificação das inscrições no processo eleitoral já haviam terminado, o que restava aos candidatos era renunciar em prol do apoio à candidatura do outro, o que não ocorreu.

Na disputa também se encontrava Vargas Lleras, que apesar de ter sido um dos senadores mais votados na história da Colômbia, até a eleição de Uribe em março deste ano, não figurava bem nas pesquisas de opinião. O ex-vice-presidente de Santos não construiu muitas alianças e se mostrou distante do atual governo, ao mencionar que promoveria modificações no acordo de paz com as Farc e que não insistiria em um diálogo com o Exército de Libertação Nacional (ELN)<sup>14</sup>.

Os temas que chamaram maior atenção nos debates presidenciais no primeiro turno foram a corrupção, a reforma do sistema político e judicial, a situação fiscal do país, o papel das Forças Armadas e o acordo com as Farc e com o ELN<sup>15</sup>.

No dia 27 de maio, foi realizado o primeiro turno das eleições presidenciais no país. Mais de 19 milhões de colombianos foram às urnas em eleições que fortaleceram a democracia em meio ao contexto de intensa polarização política. O índice de abstenção eleitoral (46,62%) foi o menor registrado desde 1974, quando as eleições deram fim à Frente Nacional, coalizão formada pelos partidos conservadores e liberais que se alternavam no poder.

Para a Colômbia, onde o voto é facultativo e o comparecimento às urnas não é alto, o aumento de 48% de eleitores no primeiro turno – se comparado ao primeiro turno de 2014

11 Colômbia escolhe presidente. Uol Notícias. 27/05/2018. Disponível em: <<https://www.uol/noticias/especiais/eleicoes-na-colombia.htm#tematico-5?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 18/06/2018.

12 As pesquisas indicavam que Duque tinha em torno de 35% das intenções de voto e Petro cerca de 22%. CM& revela nueva encuesta del Centro Nacional de Consultoría. El Tiempo. 09/04/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/ivan-duque-encabeza-nueva-encuesta-del-centro-nacional-de-consultoria-201034>>. Acesso em: 18/06/2018. Nueva encuesta sobre intención de voto: Duque, 34 % y Petro, 22,5 %. El Tiempo. 10/05/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/ultimo-encuesta-de-intencion-de-voto-de-cifras-y-conceptos-sobre-los-candidatos-216112>>. Acesso em: 18/06/2018.

13 Elecciones en Colombia: Iván Duque sacó una amplia ventaja, pero irá a segunda vuelta con Gustavo Petro. Infobae. 27/05/2018. Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/colombia/2018/05/27/colombia-elige-su-primer-presidente-tras-el-acuerdo-de-paz-con-las-farc/>>. Acesso em: 18/06/2018.

14 Elecciones en Colombia: Iván Duque sacó una amplia ventaja, pero irá a segunda vuelta con Gustavo Petro. Infobae. 27/05/2018. Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/colombia/2018/05/27/colombia-elige-su-primer-presidente-tras-el-acuerdo-de-paz-con-las-farc/>>. Acesso em: 18/06/2018.

15 Debate presidencial en Medellín entre Duque, Petro, Vargas y Fajardo. El Tiempo. 03/04/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/debate-presidencial-en-medellin-entre-duque-petro-vargas-y-fajardo-201044>>. Acesso em: 19/06/2018.

Corrupción, Fuerzas Militares y gobernabilidad, los otros temas. El Tiempo. 25/05/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/corrupcion-fuerzas-militares-y-gobernabilidad-temas-de-el-debate-222044>>. Acesso em: 19/06/2018.



– mostrou um progresso significativo. A apuração dos votos saiu em poucas horas e sem contestação dos candidatos. O resultado corroborou as pesquisas de opinião divulgadas ao longo da campanha eleitoral, que indicavam que a disputa pela presidência ficaria entre Duque e Petro. O primeiro obteve 39,14% dos votos e o segundo 25,08%. Em terceiro lugar ficou Farjado, com uma votação expressiva de 23,73%, seguido de Vargas Lleras com 7,28%, De la Calle, com 2,06% e Trujillo com 0,39%<sup>16</sup>.

## Segundo turno: entre a direita e a esquerda

Após a apuração dos resultados, os candidatos iniciaram suas articulações para o segundo turno, buscando o apoio dos partidos Liberal, Câmbio Radical, Polo Democrático Alternativo e Aliança Verde. Contudo, a aliança com quem os candidatos possuíam maior interesse era com Fajardo, que obteve 4.585.970 votos e tinha o potencial de promover uma mudança no jogo eleitoral. Por sua vez, Fajardo não manifestou apoio a nenhum dos candidatos, argumentando que, em sua opinião, eles não apresentavam um caminho que pudesse unir o país. O ex-candidato anunciou que votaria em branco, de forma a manter uma postura independente e respeitosa frente ao novo governo. Por outro lado, Claudia López, que formou chapa com Fajardo para concorrer à vice-presidência e o senador da Aliança Verde, Antanas Mockus, um de seus grandes aliados, manifestaram seu apoio a Petro<sup>17</sup>.

De la Calle, que também representa a posição do centro do espectro político, manifestou que não apoiaria nem a Duque nem a Petro e que também votaria em branco nas eleições<sup>18</sup>. A posição do ex-candidato foi distinta da posição adotada pelo Partido Liberal, uma vez que o atual diretor, o ex-presidente César Gaviria, manifestou que o partido apoiaria Duque, gerando polêmicas sobre a existência de

fissuras no tradicional partido colombiano<sup>19</sup>.

O outro ex-candidato, Vargas Lleras, inclinou-se a apoiar Duque, o que não foi percebido como uma novidade, tendo em vista que seu partido, Câmbio Radical, representa a direita e existiam coincidências nos programas de governo. No entanto, apesar de ter enviado seu programa para o presidencializável após ter se reunido com os dirigentes do partido e sua bancada no Congresso, não foi realizada uma aliança formal ou adesão à campanha de Duque. Por outro lado, seu candidato à vice-presidente Juan Carlos Pinzón assegurou que votaria no Centro Democrático<sup>20</sup>. O Partido Conservador também oficializou seu apoio à campanha de Iván Duque, o que já era de esperar uma vez que a candidata à vice-presidência, Marta Lucía Ramírez, foi a candidata à presidência pelo partido em 2014, obtendo o terceiro lugar no pleito eleitoral à época (15,5%)<sup>21</sup>.

Como se pode notar, o cenário pré-eleições do segundo turno indicava que o candidato da direita tecia mais alianças e tinha mais apoio dos partidos políticos o que, somado à sua vantagem nos votos do primeiro turno (2.718.439 a mais que seu oponente) e a não adesão de Fajardo à campanha de Petro, dificultava a vitória da esquerda no país. Com efeito, as pesquisas de intenção de voto indicavam que Duque ganharia as eleições com uma vantagem de cerca de 15%<sup>22</sup>.

A propaganda eleitoral e a difusão das propostas de campanha no segundo turno foram concentradas nas propagandas por televisão, evitando maior exposição pública dos candidatos, apesar dos debates presidenciais. Segundo a imprensa colombiana, isso foi uma estratégia dos dois candidatos para evitar polêmicas e erros que pudessem impactar

19 ¿Duque o Petro? La pregunta que abre fisuras en el Partido Liberal. El Espectador. 29/05/2018. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/elecciones-2018/noticias/politica/duque-o-petro-la-pregunta-que-abre-fisuras-en-el-partido-liberal-articulo-791436>>. Acesso em: 20/06/2018.

20 Pinzón se va para donde Iván Duque. El Colombiano. 30/05/2018. Disponível em: <<http://www.elcolombiano.com/elecciones-2018-colombia/pinzon-se-une-a-la-candidatura-de-ivan-duque-BI8785416>>. Acesso em: 20/06/2018.

21 Partidos Liberal y Conservador hacen oficial su apoyo a Iván Duque. El Tiempo. 30/05/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/partidos-liberal-y-conservador-apoyaran-a-ivan-duque-224402>>. Acesso em: 20/06/2018.

22 ¿Quién será el presidente?: se acabaron las encuestas y estos son sus pronósticos finales. Semana. 08/06/2018. Disponível em: <<https://www.semana.com/nacion/articulo/segunda-vuelta-presidencial-estas-son-las-ultimas-encuestas/570558>>. Acesso em: 20/06/2018.

16 Elecciones 2018: 27 de mayo de 2018 Presidente y Vice-presidente. Resultados de Preconteo. Disponível em: <<http://www.registraduria.gob.co>>. Acesso em: 19/06/2018.

17 Reaparece Fajardo y defiende su voto en blanco: 'Ni Duque ni Petro'. El Tiempo. 15/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/el-mensaje-de-fajardo-en-que-defiende-el-voto-en-blanco-230764>>. Acesso em: 19/05/2018.

18 El nuevo escenario electoral rumbo a la segunda vuelta. El Tiempo. 03/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/asi-va-la-carrera-para-segunda-vuelta-presidencial-en-colombia-225850>>. Acesso em: 20/06/2018.



na perda de eleitorado. Duque reforçou sua presença em comícios, buscando cobrir diferentes regiões do país e Petro utilizou como estratégia a crítica ao voto em branco, pois poderia significar a vitória de seu oponente<sup>23</sup>.

Dentre as propostas de governo de Duque destacaram-se: promover subsídios a pequenos e médios empresários; formalizar contratos e realizar menos terceirizações; recuperar a produtividade; gerar mais empregos formais; aplicar pena perpétua para assassinos de menores e estupradores e penas mais duras para corruptos; melhorar a inteligência e a preparação das Forças Armadas para combater guerrilhas, dissidentes e crime organizado; promover a reforma da previdência; garantir a independência do Judiciário, mas com limitações de autoridade da JEP; aumentar a segurança nas fronteiras, sobretudo com a Venezuela, país contra o qual deseja impor sanções; rever o acordo de paz, em especial a participação política dos ex-guerrilheiros; promover mudanças no ensino superior, adicionando a titulação técnica, e integrar a produção agrícola com práticas sustentáveis<sup>24</sup>.

Por outro lado, a agenda de Petro foi marcada por críticas e propostas alternativas ao modelo extrativista, à concentração de renda e ao uso desigual da terra. Destacaram-se as seguintes propostas: combater as diferenças sociais e a discriminação de minorias; promover a reforma tributária; ampliar os impostos pagos por propriedades com mais de mil hectares na área rural; nacionalizar as reservas de mineração; investir em energias renováveis; ampliar o investimento em educação, ciência, cultura e esportes; combater a criminalidade, promovendo inclusão social e prevenção, além do uso da força pública; acabar com o alistamento militar obrigatório; promover mudanças no ensino básico, médio e superior para melhorar a qualidade da educação; manter as fronteiras abertas e tratar a crise venezuelana a partir do diálogo; não

23 El nuevo escenario electoral rumbo a la segunda vuelta. El Tiempo. 03/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/asi-va-la-carrera-para-segunda-vuelta-presidencial-en-colombia-225850>>. Acesso em: 20/06/2018.

24 Iván Duque en 10 de sus propuestas para buscar la Presidencia. El Tiempo. 16/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/las-propuestas-de-ivan-duque-para-las-elecciones-presidenciales-2018-231460>>. Acesso em: 20/06/2018. Presidente da Colômbia vota no 2º turno e diz que eleição é 'histórica'. Folha de S. Paulo. 17/06/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/presidente-da-colombia-vota-no-2o-turno-e-diz-que-eleicao-e-historica.shtml>>. Acesso em: 20/06/2018.

alterar o acordo de paz e formar uma nova Assembleia Nacional Constituinte para dar seguimento à implementação do acordo de paz com as Farc<sup>25</sup>.

No dia 17 de junho, quase 37 milhões de colombianos foram convocados para irem às urnas e decidirem qual candidato e proposta de governo preferiam diante da polarização. O índice de abstenção eleitoral manteve-se na média do primeiro turno, cerca de 47%, um ponto positivo para o país em que, conforme dito acima, o voto não é obrigatório e o histórico de abstenção eleitoral é alto<sup>26</sup>. No total, 19.495.924 eleitores votaram (53%) nas eleições presidenciais, em que Iván Duque teve mais de 10,3 milhões de votos (53,98%) contra um pouco mais de 8 milhões (41,81%) do opositor, Gustavo Petro.

Apesar da expectativa de que o número de votos em branco seria alto no segundo turno, não houve um aumento tão significativo quanto se esperava. No primeiro turno, 341.087 (1,76%) eleitores votou em branco, enquanto no segundo turno foram 808.368 (4,20%)<sup>27</sup>. Mesmo com as críticas de Petro de que votar em branco seria votar em Duque (direcionadas sobretudo ao ex-candidato Fajardo, de quem buscava apoio), nota-se que se tivesse conseguido uma boa parte desses votos ainda não seria suficiente para garantir sua vitória.

Após a rápida contagem dos votos e a divulgação do resultado, Duque fez seu primeiro discurso como presidente eleito e ressaltou que o momento atual é de unir o país e lutar contra a corrupção. Por sua vez, Petro reconheceu o resultado e disse que não se sente derrotado, visto o substancial apoio da po-

25 Gustavo Petro en 10 de sus propuestas para buscar la Presidencia. El Tiempo. 16/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/las-propuestas-de-gustavo-petro-para-las-elecciones-presidenciales-2018-231466>>. Acesso em: 20/06/2018. Presidente da Colômbia vota no 2º turno e diz que eleição é 'histórica'. Folha de S. Paulo. 17/06/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/presidente-da-colombia-vota-no-2o-turno-e-diz-que-eleicao-e-historica.shtml>>. Acesso em: 20/06/2018.

26 Em 2014, o absenteísmo no segundo turno entre Santos e Óscar Iván Zuluaga foi de 52,2% e no plebiscito de 2016, referente ao acordo de paz com as Farc, o índice foi de 62,57%. La abstención se mantuvo en la primera vuelta y la segunda. El Tiempo. 17/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/la-abstencion-se-mantuvo-entre-la-primera-vuelta-y-la-segunda-231824>>. Acesso em: 22/06/2018.

27 Elecciones 2018: 17 de junio de 2018 Presidente y Vicepresidente. Resultados de Preconteo 2ª Vuelta. Disponível em: <<http://presidente2018.registradura.gov.co>>. Acesso em: 18/06/2018.



pulação. Pediu, ainda, que o novo presidente se desligue da política tradicional e destacou que será oposição ao governo eleito, porque este não coincide com suas propostas<sup>28</sup>.

## Considerações Finais

Apesar de sua vinculação com o ex-presidente Uribe, Iván Duque destacou em seu discurso após a eleição que era representante de uma nova geração que deseja unir o país, governar para todos e superar os problemas da corrupção, do clientelismo e da politicagem que afetam o sistema político. O presidente eleito tomará posse em agosto e terá que enfrentar diversos desafios em sua gestão, tanto na política doméstica quanto na política externa.

No âmbito doméstico, precisará superar a polarização política, retomar o crescimento econômico, implementar reformas no setor judiciário, na educação e em outras áreas sociais. Também terá que dar continuidade à implementação do acordo de paz com as Farc, sem que acabe com o acordo ou com os resultados alcançados, e precisará conter a violência que ainda afeta determinadas regiões do país, além de prosseguir com as negociações com o ELN que, após um período conturbado, foram retomadas em Havana. Apesar de o novo governante possuir maioria no Congresso, contará com fortes setores de oposição e com a liderança de Petro neste movimento, que já deixou explícito que voltará ao Senado para manter o povo colombiano ativo e mobilizado<sup>29</sup>. Assim, mesmo que a esquerda não tenha saído vitoriosa no segundo turno, é inegável que um novo cenário político se estabelece na Colômbia, que apresenta um sistema político mais representativo e mais plural.

No âmbito externo, terá que enfrentar o controverso tema da migração venezuelana, que está cada vez mais intensa nas fronteiras colombianas. Para lidar com este desafio hu-

manitário, especialistas salientam a necessidade do governo estabelecer políticas de longo prazo e criar um marco normativo compatível com os tratados internacionais, uma vez que a lei existente (1.456 de 2011) é bastante precária. A migração venezuelana, com efeito, afeta toda a região, mas a Colômbia tem sido o país que mais recebeu imigrantes, devido à extensa fronteira territorial com o país. Assim, espera-se que seja um dos Estados que lidere a solução da crise. Contudo, ao que tudo indica, este desafio não será fácil, uma vez que envolve negociações com o governo de Nicolás Maduro. A posição de Duque não é de mediação da crise venezuelana ou de um chamado ao diálogo, como indicava seu oponente, mas de críticas e de sanções ao país vizinho. Esta postura pode prejudicar o encaminhamento da crise e as relações diplomáticas.

O novo governo também precisará lidar com as pressões estadunidenses relacionadas ao tema das drogas. O governo dos EUA tem indicado um aumento no cultivo de coca na Colômbia e o presidente Donald Trump tem mostrado uma posição bastante dura com os narcotraficantes, inclusive sendo favorável à aplicação da pena de morte<sup>30</sup>. Assim, as relações com os EUA devem enfatizar o tema da segurança e do combate ao crime organizado e às drogas, o que além de demandar bastante cautela do governo, vai atrair a atenção dos países vizinhos que não desejam que se estabeleça uma nova guerra às drogas na região, sobretudo no contexto em que a entrada do país na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), na condição de sócio global, vem preocupando os vizinhos, por demonstrar um sinal de influência dos EUA e de países europeus na região. Assim, o desafio do novo governo é continuar buscando uma maior aproximação e inserção regional, aprofundando relações cooperativas com os países sul-americanos.

Com efeito, os desafios que se apresentam não são poucos e o governo colombiano precisará envidar esforços em múltiplas áreas para construir um país unido, com estabilidade e crescimento econômico, efetiva segurança e respeito aos direitos humanos. Os desafios estão apenas começando, mas esta eleição presidencial demonstrou que os colombianos estão preparados para este novo ciclo, uma

28 “Yo no me siento derrotado”: Gustavo Petro. El Colombiano. 17/06/2018. Disponível em: <<http://www.elcolombiano.com/elecciones-2018-colombia/discursode-gustavo-petro-tras-resultados-en-elecciones-KG8877059>>. Acesso em: 22/06/2018.  
29 Na Colômbia, a Reforma do Equilíbrio de Poderes de 2015 garante o direito ao candidato que perdeu a eleição presidencial de ter um assento no Senado e ao candidato a vice-presidente um assento na Câmara dos Deputados. O Estatuto da Oposição tem como objetivo fortalecer o regime democrático e as garantias da oposição no país. Petro, un líder de la oposición en Senado con ocho millones de votos. El Tiempo. 17/06/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/gustavo-tendra-una-curul-en-el-senado-231552>>. Acesso em: 22/06/2018.

30 Los ‘chicharrones’ de política exterior que tendrá el próximo Gobierno. El Tiempo. 01/04/2018. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/elecciones-colombia-2018/presidenciales/retos-de-politica-exterior-con-que-tendra-que-lidiar-el-proximo-gobierno-de-colombia-200162>>. Acesso em: 22/06/2018.



vez que saem destas eleições com uma democracia fortalecida e com um sistema político mais diversificado e plural.



## As eleições no Paraguai e o regresso do Partido Colorado

Edgar Andrés Londoño Niño  
Pesquisador OPISA

### Introdução

Em 22 de abril de 2018, o Paraguai realizou eleições presidenciais, parlamentares e regionais. Assim, os paraguaios elegeram, além do presidente, 45 senadores, 18 parlamentares do Mercosul, 80 deputados, 17 governadores e os membros das juntas departamentais. Os senadores e deputados tomam posse no dia 1 de julho de 2018, enquanto o presidente eleito assume em 15 de agosto de 2018.

Dos 4.241.507 eleitores convocados, compareceram 2.597.989 para votar na presidência do país, o que representa uma abstenção de 38,7%, maior que nas eleições de 2014, cuja abstenção foi de 31,4%. Cabe lembrar que no Paraguai, mesmo que o voto seja obrigatório segundo a Constituição, não existem mecanismos que na prática imponham sanções a quem não compareça nas eleições<sup>1</sup>.

Este texto analisa as eleições ocorridas no Paraguai, destacando os resultados nas eleições presidenciais, parlamentares e regionais, e a configuração das forças políticas no país.

### Os candidatos presidenciais

O sistema eleitoral paraguaio estabelece um turno único e é, junto à Venezuela, um dos dois únicos países sul-americanos que não contam com dois turnos nas eleições presidenciais. Segundo as pesquisas, dos dez candidatos, Mario Abdo Benítez e Efraín Alegre eram aqueles com maiores chances de vitória, sendo que a maioria das previsões mostrava uma vantagem muito maior para Benítez em comparação a Alegre<sup>2</sup>.

De fato, o candidato eleito foi Mario Abdo Benítez do Partido Colorado, também chamado Associação Nacional Republicana (ANR), mas com uma vantagem reduzida sobre seu

1 Última Hora, El sufragio es obligatorio, aunque no hay sanciones por no ir a votar, 11/04/2018. Disponível em: <<http://www.ultimahora.com/el-sufragio-es-obligatorio-aunque-no-hay-sanciones-no-ir-votar-n1142221.html>>. Acesso em: 01/06/2018.  
2 Infobae. Guerra de encuestas y cuenta regresiva en Paraguay: quiénes son los favoritos, 19/04/2018. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2018/04/19/guerra-de-encuestas-y-cuenta-regresiva-en-paraguay-quienes-son-los-favoritos/>. Acesso em: 29/05/2018.

opositor, tendo alcançado 46,42% dos votos, enquanto Pedro Efraín Alegre, da aliança de centro-esquerda, GANAR, obteve 42,74%.

O empresário e político Abdo Benítez é filho do secretário particular do ditador Alfredo Stroessner<sup>3</sup>, também do Partido Colorado. De fato, algumas das críticas, especialmente da imprensa internacional, apontaram para essa origem de Abdo Benítez, que se defendeu afirmando que era muito jovem na época da ditadura e que sempre defendeu a democracia<sup>4</sup>. O presidente eleito iniciou suas atividades políticas em 2005 e participou do movimento interno Reconstrucción Nacional Republicana e do movimento Paz y Progreso do Partido Colorado, do qual foi vice-presidente. Já como senador, desempenhou mandato como presidente do Senado entre 2015 e 2016.

Cabe assinalar que Abdo Benítez faz parte da dissidência dentro do Partido Colorado e lidera o Movimento Colorado Añetete, que significa Colorado Autêntico em guarani, de uma linha mais conservadora da ANR. Desse modo, o presidente eleito foi um crítico do ex-presidente Horacio Cartes por sua pouca militância partidária, além de fazer oposição como senador, dificultando a aprovação de vários projetos, especialmente quando Cartes pretendia reformar a constituição para aprovar a reeleição. Abdo Benítez fez acordos com o partido liberal e outros partidos minoritários para derrotar esse projeto.

Em 2017, Abdo Benítez foi escolhido nas eleições partidárias da ANR que disputou com o ex-ministro de Fazenda de Cartes, Santiago Peña, do movimento Honor Colorado. Apesar das diferenças políticas durante o governo de Cartes, após as eleições internas do Partido, o presidente em exercício e Abdo Benítez se aproximaram com vistas a ganhar as eleições em 2018. Desse modo, Abdo Benítez flexibilizou a formação de sua chapa e iniciou a campanha presidencial contando com o ex-deputado Hugo Velásquez como vice-presidente na chapa eleitoral.

De outro lado, o opositor Efraín Alegre, do Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA), foi o candidato da Aliança GANAR (Gran Alianza Nacional Renovada), uma coalizão ABC Color, Mario Abdo Benítez, un “hijo del stronismo” en carrera. 15/05/2017. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/mario-abdo-benitez-un-hijo-del-stronismo-en-carrera-1593691.html>>. Acesso em: 01/06/2018.  
4 CNN, Mario Abdo Benítez, presidente electo de Paraguay, en exclusiva: Me han atacado por mi pasado, 24/04/2018. Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2018/04/24/mario-abdo-benitez-paraguay-presidente-entrevista-cnn/>>. Acesso em: 01/06/2018.



partidária criada em 2017<sup>5</sup> por sete partidos de centro-esquerda de oposição ao governo de Horácio Cartes, entre os quais se encontra Frente Guasú do ex-presidente destituído e senador desde 2013, Fernando Lugo.

Alegre foi senador do Partido Liberal Radical Auténtico (PLRA) e ministro de Obras Públicas durante o governo de Fernando Lugo (2008-2012). Porém, Alegre foi retirado do cargo como ministro e acusado de corrupção e proselitismo, mas alegou que foi pelo fato de não ter apoiado a reeleição do então presidente, razão pela qual, em 2012, foi um dos líderes do impeachment ao mandatário. Não obstante, em 2017, Alegre e seu partido decidiram se unir com o Frente Guasú para conseguir vencer o candidato do Partido Colorado

O candidato liberal ganhou as eleições internas de seu partido e fez sua campanha ao lado de Leonardo Rubín, vice-presidente, filiado ao Frente Guasú. Cabe lembrar que Alegre já tinha sido candidato nas eleições de 2013, obtendo 37,09% dos votos, ficando atrás de Horacio Cartes, do Partido Colorado, que com 45,83% dos votos foi eleito presidente para o período 2013-2018. Após os resultados das eleições de 2018, Alegre denunciou fraude e se recusou a reconhecer a sua derrota. Entretanto, dias depois das eleições, foi acusado por membros de seu partido pelo uso de recursos do PLRA durante a campanha presidencial e pediram sua demissão da direção do partido<sup>6</sup>.

### As eleições parlamentares e de autoridades regionais e locais

Os resultados das eleições parlamentares de senadores e deputados mostram também uma predominância do Partido Colorado, inclusive no Parlamento do Mercosul.

5 La Nación, Inscriben alianza opositora entre liberales y luguistas para el 2018, 30/09/2017. Disponível em: <[https://www.lanacion.com.py/politica\\_edicion\\_impresa/2017/09/30/inscriben-alianza-opositora-entre-liberales-y-luguistas-para-el-2018/](https://www.lanacion.com.py/politica_edicion_impresa/2017/09/30/inscriben-alianza-opositora-entre-liberales-y-luguistas-para-el-2018/)>. Acesso em: 02/06/2018.

6 La Nación, Equipo Joven insiste en pedir explicaciones a Alegre sobre uso de los recursos del PLRA. Disponível em: <[https://www.lanacion.com.py/politica\\_edicion\\_impresa/2018/06/01/equipo-joven-insiste-en-pedir-explicaciones-a-alegre-sobre-uso-de-los-recursos-del-plra/](https://www.lanacion.com.py/politica_edicion_impresa/2018/06/01/equipo-joven-insiste-en-pedir-explicaciones-a-alegre-sobre-uso-de-los-recursos-del-plra/)>. Acesso em: 02/06/2018.

Quadro 1. Número de cadeiras por principais partidos e por entidade.

Entidade/Partidos	No. Total de cadeiras	Partido Colorado (ANR)	Partido Liberal Radical Auténtico (PLRA)	Frente Guasú (FG)	Partido Patria Querida (PPQ)
Senadores	45	17	13	6	3
Deputados	80	42	30	-	3
Parlamentares do Mercosul	18	10	7	1	-

Fonte: Resultados do Tribunal Superior de Justicia Electoral, 2018.

Ainda assim, em comparação com as eleições de 2013, o Partido Colorado perdeu 2 cadeiras no Senado e 4 na Câmara dos Deputados, mas ganhou mais um governo departamental.

Um caso interessante nas eleições deste ano, relaciona-se com o Partido Patria Querida (PPQ), que depois de cinco anos sem representação parlamentar, conseguiu 3 senadores e 3 deputados. Esse partido anunciou que lutará pela unidade da oposição no congresso<sup>7</sup>. Com respeito às eleições regionais, dos 17 departamentos, em 13 foram eleitos governadores filiados ao Partido Colorado e só 4 do PLRA.

Com isso, o Partido Colorado tem a maioria em todos os cargos de eleição popular<sup>8</sup>, o que garantiria uma maior governabilidade de Abdo Benítez, mas é importante sublinhar que após as eleições os partidos opositores têm tentado se aproximar<sup>9</sup>, o que poderá gerar um importante contrapeso ao Executivo. Igualmente, cabe sublinhar que Honor Colorado, do movimento do ANR liderado pelo presidente Cartes, teve o maior número de senadores dentro das votações obtidas pelo Partido Colorado, mas não há certeza se os congressistas desse movimento do Partido Colorado apoiarão ou não o futuro governo.

Finalmente, cabe ressaltar que o Paraguai é um dos poucos países do mundo a utilizar a figura de senador vitalício, pois a constituição do país assinala que os ex-presidentes podem ser senadores com direito a se manifestarem, mas sem voto; porém, os ex-presidentes dos últimos anos têm optado por renunciar a essa figura e fazer campanha para serem senador-

7 ABC Color. PPQ trabajará por la unidad opositora, 28/05/2018. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/politica/ppq-trabajara-por-la-unidad-opositora-1706757.html>>. Acesso em: 04/06/2018.

8 La Nación. Honor Colorado se posicionó en últimas elecciones y será clave en nuevo gobierno. 30/05/2018. Disponível em: <[https://www.lanacion.com.py/politica\\_edicion\\_impresa/2018/05/30/honor-colorado-se-posiciono-en-ultimas-elecciones-y-sera-clave-en-nuevo-gobierno/](https://www.lanacion.com.py/politica_edicion_impresa/2018/05/30/honor-colorado-se-posiciono-en-ultimas-elecciones-y-sera-clave-en-nuevo-gobierno/)>. Acesso em: 04/06/2018.

9 La Nación. Oposición busca unirse para lograr presidir el Legislativo. <[https://www.lanacion.com.py/politica\\_edicion\\_impresa/2018/05/24/oposicion-busca-unirse-para-lograr-presidir-el-legislativo/](https://www.lanacion.com.py/politica_edicion_impresa/2018/05/24/oposicion-busca-unirse-para-lograr-presidir-el-legislativo/)>. Acesso em: 08/06/2018.

res ativos. Desse modo, em abril de 2018, a Corte Suprema de Justiça interpretou que Cartes e outros ex-presidentes podiam ter uma cadeira ativa no Legislativo, rechaçando as demandas colocadas pelos partidos de oposição contra as candidaturas de Nicanor Duarte (2003-2008) e Cartes<sup>10</sup>. O vice-presidente em exercício, Juan Afara, também se postulou como senador.

No caso de Duarte, o Congresso havia impedido sua nomeação por não aceitar a renúncia em 2008; no caso de Cartes, não foi possível lograr os acordos necessários dentro do Partido Colorado para ter o quórum necessário e aprovar o pedido de renúncia, que foi apresentada ao presidente do Congresso, o ex-presidente Fernando Lugo.

Mesmo que a direção da ANR tenha pedido um diálogo entre os movimentos dos dois líderes atuais do Partido (o presidente em exercício e o presidente eleito)<sup>11</sup>, não foi logrado nenhum acordo e, pelo contrário, aumentaram as tensões dentro da ANR. Desse modo, Cartes retirou o pedido de renúncia<sup>12</sup> e espera tomar posse como senador ao terminar seu mandato em agosto de 2018<sup>13</sup>. Porém, o presidente do senado, Fernando Lugo, insistiu que ele e Nicanor Duarte só poderão ser senadores vitalícios, e não senadores ativos.

## Considerações finais

As eleições presidenciais no Paraguai acompanham a tendência de eleições de governos de direita na América do Sul, em resposta à crise das esquerdas da região. Particularmente, o triunfo do Partido Colorado, com a eleição de Mario Abdo Benítez, consolida o partido mais forte da política paraguaia e que está no poder há quase 70 anos, com uma única interrupção entre 2008 e 2013, com a presidência de Fernando Lugo, que foi destituído em 2012, após o qual assumiu o poder o liberal Luis Federico Franco Gómez.

Se comparado com outros países sul

<sup>10</sup>No caso de Lugo a Corte Suprema tinha determinado que poderia ser senador ativo, mas não vitalício, por ter sido destituído.

<sup>11</sup> La Nación. Alliana insta al diálogo entre Cartes y Abdo Benítez, 05/05/2018. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.py/politica/2018/06/05/alliana-insta-al-dialogo-entre-cartes-y-abdo-benitez/>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>12</sup> La Nación. Cartes retira renuncia del congreso, 26/06/2018. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.py/politica/2018/06/26/cartes-retira-renuncia-del-congreso/>>. Acesso em: 26/06/2018.

<sup>13</sup> Última Hora. Juramento de Cartes: Honor Colorado rompe negociación con Añetete, 25/06/2018. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/juramento-cartes-honor-colorado-rompe-negociacion-agnetete-n1302065.html>>.

-americanos, é evidente que o Paraguai tem uma filiação partidária mais clara e forte. Ainda assim, cabe sublinhar que nos últimos anos tem ocorrido o “voto cruzado”, ou seja, votar por um candidato ou partido diferente para cada cargo de eleição popular.

Como foi apontado neste texto, os resultados para o Congresso e as autoridades locais e regionais, também favorecem o Partido Colorado, pelo qual se previa uma maior governabilidade de Mario Abdo Benítez. No entanto, a renúncia do presidente Horácio Cartes para tomar posse como senador, deixa em evidência a divisão interna existente nesse partido. Além dessa crise partidária, aqui foi mencionado o caso do PLRA e as acusações contra o ex-candidato presidencial e presidente do partido, Efraín Alegre. Nesse sentido, a maioria no Congresso não está garantida.

Do mesmo modo, mesmo que o Partido Colorado tenha maioria no Congresso, se a oposição da Aliança Ganar, representada pelo PLRA, o FG e partidos que entraram no Legislativo nestas eleições, como PPQ, conseguir manter a coalizão no Congresso, haveria uma oposição forte para Abdo Benítez. Ainda assim, cabe lembrar que quando foi proposta a reeleição do presidente Cartes, que levou à invasão e incêndio do Congresso por parte de manifestantes, o Frente Guasú (liderado pelo ex-presidente Lugo) se uniu ao cartismo para aprovar a reforma constitucional, enquanto o movimento do Partido Colorado do presidente eleito aderiu ao PLRA para não permitir a aprovação da lei.

Contudo, será necessário que o presidente eleito negocie com a oposição, incluindo as dissidências do próprio partido, e adote posturas mais moderadas, pois Abdo Benítez, que propõe continuar o crescimento econômico, reduzir a pobreza, fortalecer as instituições e lutar contra a corrupção, também tem defendido abertamente suas posições conservadoras em torno ao aborto e declarou que vetará qualquer projeto de lei sobre matrimônio igualitário.



# Eleições na Venezuela

**Leonardo Albarello Weber**  
Pesquisador OPSA

## Introdução

No dia 20 de maio de 2018, a Venezuela foi às urnas para eleger o presidente do país, em um contexto de crise econômica e polarização política. Nicolás Maduro, herdeiro político de Hugo Chávez, foi reeleito para um mandato de 2019 a 2025. Desde o início de seu primeiro governo, em 2013, Maduro enfrentou uma forte oposição nas ruas e, a partir de 2015, uma oposição parlamentar, que conquistou a maioria dos assentos legislativos. O declínio nos preços internacionais do petróleo, desde 2014, levaram à deterioração da economia, que enfrenta o desabastecimento de produtos básicos, como alimentos e medicamentos, assim como uma inflação anual de seis dígitos e o quarto ano de recessão seguido<sup>1</sup>. Cabe lembrar brevemente como foi a trajetória dos últimos meses para compreender em que contexto aconteceu o pleito à presidência<sup>2</sup>.

## A aceleração da crise em 2017

A Venezuela chegou ao ano de 2017 com uma sociedade profundamente polarizada. O ano começou marcado pelo adiamento das eleições regionais, que deveriam ter sido realizadas em dezembro de 2016. Além da tensão acumulada nos últimos anos, 2017 presenciou a maior e mais contínua onda de protestos do período recente na Venezuela. O gatilho dos acontecimentos foi a suspensão dos poderes da Assembleia Nacional pelo Tribunal Supremo de Justiça (TSJ), no dia 29 de março, alegando desacato pelo Poder Legislativo. O desacato seria decorrente da posse dada a três deputados opositores cuja eleição havia sido impugnada pelo TSJ. A forte repercussão internacional, especialmente na Organização dos Estados Americanos (OEA),

1 Estadão, 17/04/2018. FMI prevê inflação de quase 14.000% na Venezuela e queda do PIB de 15% para 2018. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fmi-preve-inflacao-de-quase-14000-na-venezuela-e-queda-do-pib-de-15,70002271975>

2 Para uma perspectiva de todo o governo de Nicolás Maduro, desde a morte de Hugo Chávez, consulte ALBUQUERQUE, Marianna. Crise Política na Venezuela: Maduro e o “chavismo sem Chávez”. Boletim OPSA, n. 1, jan./mar., 2017. Disponível em: [http://opsa.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Boletim\\_OPSA\\_2017\\_n1.pdf](http://opsa.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Boletim_OPSA_2017_n1.pdf)

e a intensidade dos protestos, levou o TSJ a recuar de sua decisão e devolver os poderes à Assembleia Nacional três dias depois, porém exigindo garantias de que tal desacato não ocorresse novamente. Contudo, as manifestações continuaram com uma frequência quase diária durante os meses seguintes, desde o final de março, com um número crescente de mortos, feridos e civis detidos e julgados por tribunais militares.

Ao final do mês de abril e diante da crítica de diversos países dentro da OEA, o governo de Nicolás Maduro decidiu retirar-se da organização, assim como convocar uma Assembleia Nacional Constituinte (ANC). A despeito da reprovação de países da região e de outras partes do mundo, e da recusa da oposição em participar do pleito, a Constituinte foi realizada no dia 30 de julho. Os protestos perduraram durante cerca de quatro meses, até às vésperas da ANC, totalizando mais de 120 mortos. Logo após a eleição da ANC, a empresa responsável pela contagem de votos, Smartmatic, afirmou existir uma discrepância de mais de um milhão de votos entre o número contabilizado de eleitores e aquele anunciado pelo governo. De todo modo, os constituintes tomaram posse, elegendo Delcy Rodríguez, ex-chanceler do país, como sua presidente. Destaque-se que, como a oposição decidiu não participar do pleito, a totalidade dos constituintes eleitos é pró-governo<sup>3</sup>.

Desde a ANC, os partidos de oposição na Venezuela, aglutinados na coalizão Mesa de Unidad Democrática (MUD), demonstram uma séria dificuldade de agir em conjunto diante do governo de Maduro. Desde que o sistema político venezuelano foi refundado por uma nova constituição, em 1999, a oposição a Hugo Chávez e a Nicolás Maduro enfrenta um dilema: por um lado, deseja competir e vencer eleições; de outro, receia que sua participação nesses pleitos legitime o processo eleitoral e as instituições bolivarianas, o que gostaria de

3 Além de criticarem a ANC por não ter sido feita uma consulta prévia à população, a estrutura da eleição em si foi bastante polêmica. Do total de 545 legisladores, 364 foram eleitos pelo voto territorial, 173 por setores sociais e 8 por comunidades indígenas. Não foi respeitado o critério de proporcionalidade demográfica, o que teria favorecido cidades pequenas e rurais. Os votos setoriais, por sua vez, concedidos a grupos como estudantes, camponeses, empresários e trabalhadores, permitiram que uma quantidade significativa da população votasse duas vezes – pelo território e pelo grupo social a que pertence. Fonte: G1, 29/05/2017. Venezuela: veja perguntas e respostas sobre a eleição da Assembleia Constituinte de Maduro. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/venezuela-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-eleicao-da-assembleia-constituente-de-maduro.ghtml>

evitar. Isso explica porque a MUD não participou das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, em julho de 2017. Contudo, optou por participar das eleições para governadores, em outubro do mesmo ano. Já nas eleições municipais, em dezembro, a MUD se encontrava ainda mais dividida e não conseguiu chegar a uma decisão unânime. Dessa maneira, três dos quatro maiores partidos de oposição boicotaram tais eleições. Os partidos Voluntad Popular (fundado por Leopoldo López), Primero Justicia (cujo líder é Henrique Capriles) e o Acción Democrática (de direção de Henry Ramos Allup) ausentaram-se do pleito, enquanto que Un Nuevo Tiempo, Copei e Avanzada Progresista compareceram<sup>4</sup>.

Em paralelo a essa divisão na oposição e às várias eleições que ocorreram em 2017, ocorria um processo de negociação entre o governo e a MUD. As negociações tiveram lugar na República Dominicana e foram mediadas pelo ex-presidente espanhol Rodríguez Zapatero. A oposição pedia uma série de pontos para que participasse nas eleições: a liberação de presos políticos, a abertura de um canal humanitário, a designação de um novo Conselho Nacional Eleitoral, a possibilidade de voto no exterior, a presença de observadores internacionais, o acesso igualitário a meios de comunicação públicos e privados, a revogação de candidaturas impugnadas e uma data para o pleito no segundo semestre de 2018.

Esse último ponto foi pedido porque, normalmente, as eleições ocorrem em dezembro, e um calendário eleitoral curto era considerado desfavorável pela MUD. Entretanto, depois de várias rodadas sem sucesso, o governo de Maduro decidiu convocar eleições para abril de 2018, posteriormente chegando a um acordo com a oposição independente para a data de 20 de maio. A Mesa de Unidad Democrática já cogitava boicotar as eleições, mas de todo modo havia sido impedida de apresentar um candidato único de maneira coligada pelo Tribunal Supremo de Justiça. Com o fracasso das negociações, surgiram candidatos independentes à presidência, em desacordo com a MUD.

## Os candidatos e o pleito

Com o principal polo opositor fora da competição, as eleições presidenciais foram disputadas por nomes pouco conhecidos pelo

4 El País, 10/12/2017. Assim foram as eleições municipais na Venezuela: sem os principais nomes da oposição. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/10/internacional/1512928422\\_786243.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/10/internacional/1512928422_786243.html)

eleitorado, dois deles sendo ex-chavistas e um deles sem trajetória política prévia. Nesse cenário, o presidente Nicolás Maduro, do Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV) terminou reeleito com 68% dos votos. Além dele, concorreram nas eleições Henri Falcón, com 21%, Javier Bertucci, com 11%, e Reinaldo Quijada, com 0,4%<sup>5</sup>. O presidente Maduro disse que, se reeleito, colocaria em prática um plano de transformação radical da economia que “sacudirá o mundo inteiro”. Na parte final da campanha, mostrou a possibilidade de radicalizar sua agenda de governo, sugerindo a estatização dos bancos privados do país<sup>6</sup>.

O segundo colocado, Henri Falcón, um advogado e militar aposentado, fez parte do PSUV até fevereiro de 2010, quando rompeu com Hugo Chávez. Após a saída do PSUV, o ex-governador do estado de Lara criou o partido Avanzada Progresista, o qual fazia parte da MUD, mas com a qual rompeu ao decidir lançar uma candidatura independente. Ele defendeu seu programa de governo como uma opção de transição e recuperação econômica para o país, propondo a dolarização como forma de combater a hiperinflação. O candidato foi visto com desconfiança pela MUD, dada sua anterior proximidade com o chavismo. Por isso, Falcón foi acusado de ser um mero fantoche do governo para legitimar as eleições, ou mesmo de ter negociado que formaria um governo de coalizão com o PSUV caso obtivesse vitória nas urnas. Contudo, após a derrota, pediu a impugnação dos resultados, que considerou fraudulentos<sup>7</sup>.

O terceiro colocado, Javier Bertucci, do partido Esperanza por el Cambio, é um pastor evangélico que buscou distanciar sua candidatura do debate governo-oposição, com um apelo fortemente religioso. Bertucci havia sido acusado e preso, em 2010, por contrabando de combustível para a República Dominicana, sendo também um dos nomes envolvidos no escândalo de paraísos fiscais conhecido como Panamá Papers. Ele se definiu como um candidato conservador e enfatizou a necessi-

5 Consejo Nacional Electoral, 21/05/2018. CNE emite segundo boletín con resultados de la elección presidencial. Disponível em: [http://www.cne.gob.ve/web/sala\\_prensa/noticia\\_detallada.php?id=3716](http://www.cne.gob.ve/web/sala_prensa/noticia_detallada.php?id=3716)

6 Podcast Unesp, 09/05/2018. Com cenário caótico e 5 candidatos presidenciais, futuro da Venezuela é obscuro. Disponível em: <http://podcast.unesp.br/radiorelease-09052018-eleicoes-presidenciais-na-venezuela-tera-quatro-candidatos-que-devem-concorrer-contra-maduro>

7 El País, 19/05/2018. Maduro pede à população mais seis anos para “transformar radicalmente” a economia. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/18/internacional/1526662836\\_570764.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/18/internacional/1526662836_570764.html)



dade de abertura de um canal humanitário para fornecimento de comida e medicamentos para o país. Seus comícios tiveram como marca a distribuição de sopas para a população. Foi o único candidato a reconhecer o resultado das eleições e se reuniu com Maduro após o pleito, pedindo a abertura do referido canal e a liberação de presos políticos<sup>8</sup>.

O último colocado, o engenheiro Reinaldo Quijada, editor do jornal de esquerda *Aporrea*, acusou Nicolás Maduro de ser um traidor do legado de Chávez. Ele pertenceu ao PSUV até 2012, do qual saiu para fundar o partido Unidad Política Popular. Quijada tentou colocar-se na disputa como um defensor da Revolução Bolivariana, mas um crítico do governo Maduro pela esquerda<sup>9</sup>.

A campanha eleitoral teve menos de um mês de duração e poucos comícios. O comparecimento às urnas foi de 45% dos eleitores, em contraste com cerca de 80% em 2013. A abstenção foi apontada pela MUD como um sintoma da baixa legitimidade do processo eleitoral e do próprio governo. Além disso, os chamados “pontos vermelhos” foram a principal crítica da oposição à legitimidade do processo. Esses pontos consistem em tendas montadas perto de locais de votação, onde os cidadãos que possuem o carnê da pátria comparecem e tem seu cartão registrado. O carnê começou a ser distribuído em 2017 e identifica os cidadãos que recebem algum tipo de benefício social do governo. O candidato Henri Falcón acusou Maduro de prometer um bônus em dinheiro às pessoas que comparecessem aos pontos vermelhos e apresentassem o carnê antes de votar, configurando uma situação de compra de votos<sup>10</sup>.

## Dimensão internacional e perspectivas para a Venezuela

À primeira vista, a reeleição de Nicolás Maduro parece apontar para a continuidade de um governo contestado doméstica e internacionalmente, responsabilizado por uma crise econômica severa e já tratado como uma

8 El Tiempo, 17/05/2018. Javier Bertucci, el pastor que hace campaña repartiendo sopas. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/mundo/venezuela/quien-es-javier-ber-tucci-candidato-presidencial-venezolano-218710>

9 El Tiempo, 13/05/2018. Reinaldo Quijada, el ‘revolucionário’ que se desligó de la revolución. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/mundo/venezuela/quien-es-el-candidato-presidencial-venezolano-reinaldo-qui-jada-218160>

10 BBC, 21/05/2018. Eleições na Venezuela: O que são os ‘pontos vermelhos’ e por que Henri Falcón acusa Maduro de compra de votos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44203457>

ditadura por vários governos da América Latina. Uma observação importante sobre o panorama regional é a falta de uma liderança política clara, o que tem tido impactos na Venezuela e na maneira com que a crise tem sido abordada pelos países da região. A única articulação mais duradoura nesse sentido tem sido o Grupo de Lima<sup>11</sup>, mas este tem se dedicado mais a criticar e isolar a Venezuela do que a dialogar com Maduro por uma negociação com a oposição, por exemplo. O grupo emitiu uma declaração não reconhecendo o resultado das eleições presidenciais e também afirmando que seriam tomadas medidas para que os organismos financeiros internacionais não concedessem empréstimos ao governo Maduro. Além disso, a OEA aprovou uma resolução para aplicar a Carta Democrática Interamericana à Venezuela e, caso aprovada em assembleia extraordinária, suspenderá o país do organismo, mostrando o entendimento de que houve ruptura democrática na Venezuela. Nicolás Maduro tem sobrevivido ao isolamento diplomático na região nos últimos anos, mas cabe ponderar por quanto tempo isso será viável.

Somado a essa pressão política, um fenômeno de ordem econômica pode afetar seriamente a economia venezuelana: o cessamento de empréstimos chineses a Caracas no mês de junho de 2018. Embora a China, junto com países como Rússia, Irã, Bolívia e Cuba, tenha reconhecido o resultado das eleições, é importante prestar atenção ao desenvolvimento de suas relações com a Venezuela. A China é a principal fonte de financiamento da Venezuela e talvez não esteja disposta a correr o risco de um grande calote da dívida externa do país. Uma eventual perda de apoio da China poderia ser um divisor de águas para o governo Maduro<sup>12</sup>.

Por fim, a despeito de perspectivas negativas do ponto de vista regional, devemos aguardar o resultado das eleições presidenciais no México e no Brasil, que podem trazer lideranças mais interessadas em buscar uma saída para a crise na Venezuela. Por outro lado, podem resultar em políticos mais conservadores, como o recém-eleito Iván Duque, na Colômbia. Mesmo diante da existên-

11 O Grupo de Lima foi criado em 2017 para articular uma posição coletiva diante da crise na Venezuela e inclui os seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Guiana, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru e Santa Luzia.  
12 El País, 02/06/2018. China fecha torneira do crédito à Venezuela. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/02/internacional/1525228067\\_970906.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/02/internacional/1525228067_970906.html)



cia de divergências políticas, a pacificação da Venezuela deveria ser uma prioridade para a região. A crise no país tende a afetar principalmente os vizinhos, seja pela migração de venezuelanos, que já chegou a 10% da população<sup>13</sup>, seja pelo tensionamento político e a atenção internacional negativa que atrai para a América Latina.

---

13 El Tiempo, 07/03/2018. Venezuela a la Fuga: análisis de la crisis migratoria. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/datos/cuantos-venezolanos-estan-saliendo-de-su-pais-y-a-donde-se-dirigen-189354>

